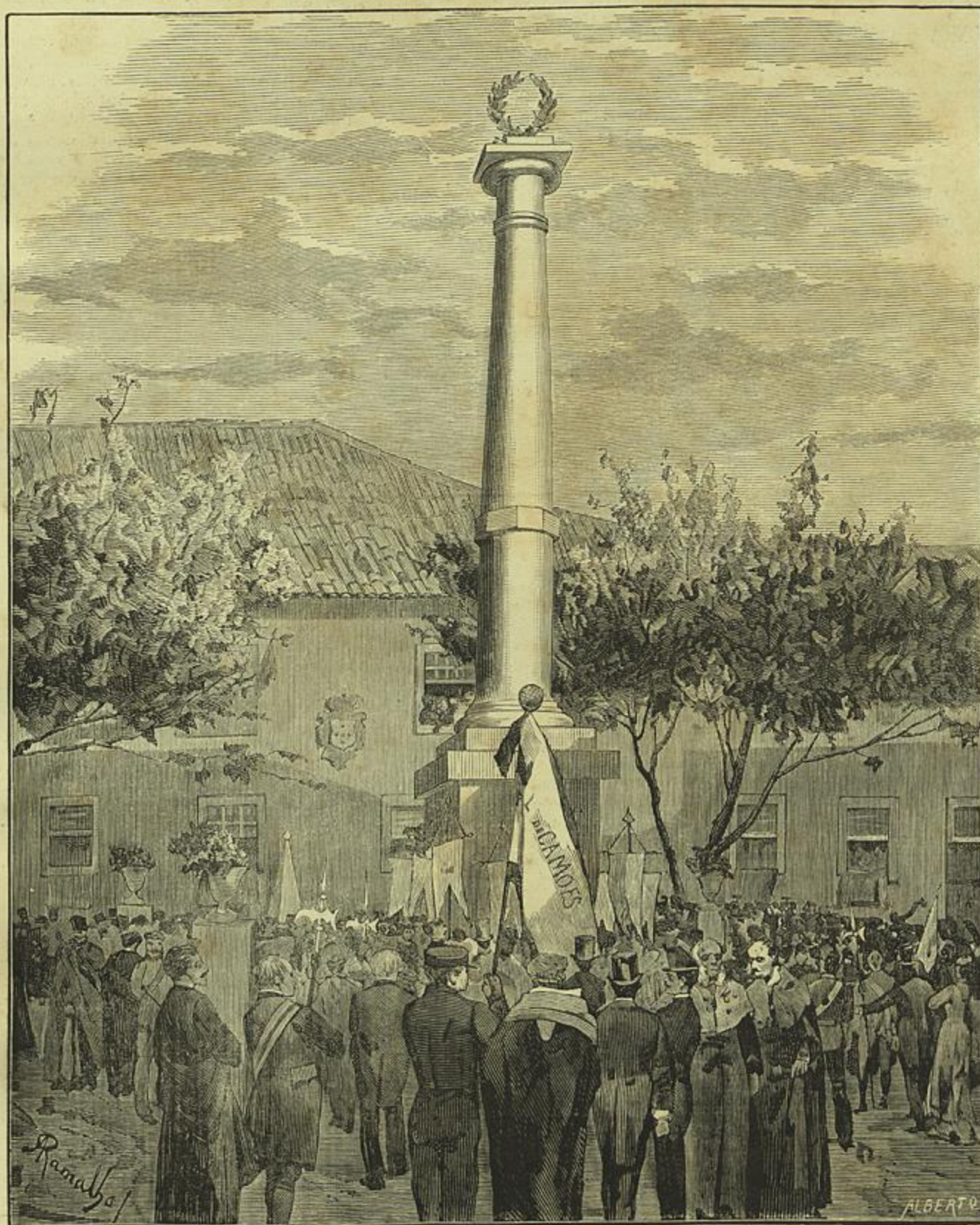


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 87	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETTO, 43 — LISBOA
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35800	18900	6950	6120	21 DE MAIO 1881	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Posseções ultramarinas, (idem).....	45000	25000	-5-	-6-		
Estrangeiro (união geral dos correios).	54000	28300	-6-	-6-		
Brazil (moeda fraca).....	158000	78500	-8-	-6-		

O TRI-CENTENARIO DE CAMÕES EM COIMBRA



INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A CAMÕES EM COIMBRA (Desenho do natural por Antonio Ramalho)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO. — O Tricentenario em Coimbra, SERGIO DE CASTRO. — As nossas gravuras — A questão Franco-Tuniziana, o Bey de Tunis, R. — Duque d'Avila e de Bolama, BARTO REBELLO — Congressos Anthropologico e Literario, Trabalhos dos Congressos, R. — Miguel Angelo de Santo Thirso, ALBERTO BRAGA — Publicações.

GRAVURAS. — Tri-centenario de Camões em Coimbra, Inauguração do Monumento a Camões em Coimbra — Um detalhe do Monumento — A noite de 5 de Maio no Mondego — Busto de Camões, escultura do sr. Gonçalves — O bazar da Sociedade Philantropica no Jardim Botânico — Apontamentos durante a festa — O pavilhão onde se assignou o auto de Inauguração — Concerto no pateo da Universidade — Mohammed Es-Sadok, Bey de Tunis — Africa Portugueza, Quilimane, Rua da Saudade — Terramoto da Ilha de Chio, ruínas da igreja catholica de S. Nicolau — A cidade de Chio depois do terramoto — Uma rua de Chio — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A estas horas estão os comboys hespanhoes despejando milhares e milhares de pessoas na gare de Madrid, atrahidas pelas festas brilhantes, excepcionaes, com que a capital de Hespanha festeja o centenario d'um dos seus maiores poetas, aquelle a quem no tempo dos *sobriquets* litterarios chamavam o Shakspeare da Hespanha, o grande Calderon de la Barca.

O programma d'essas festas é sumptuoso, sumptuoso demais até, porque é tão atrahente que o resultado seria de ninguem se poder mecher em Madrid, onde durante tres dias vae residir a Hespanha toda.

São sempre grandes, proveitosas e civilisadoras estas homenagens enormes com que os povos celebram os anniversarios dos seus antepassados gloriosos. O esquecimento para o genio, passa finalmente a ser uma simples figura de rhetorica. Aquella estafadissima patria ingrata que serviu de thema a tão longas e dolorosas poesias, é hoje uma palavra vã; mostrou-o a França com o centenario de Voltaire, Portugal com o centenario de Camões, e a Hespanha agora com o centenario de Calderon.

Entretanto a rhetorica desforra-se avaramente das perdas que lhe causa a *gratidão dos vindouros*, n'estes dias de festas; vinga-se em discursos sem fim, em versos sem idéas, em conceitos prudhomescos. O que se diz de banalidades n'estes dias solemnes é verdadeiramente estonteador: as phrases passam feitas de centenario para centenario, substituindo-se apenas o nome do poeta e das suas obras, e afflançam-nos empregados do caminho de ferro, que n'estes dias têm partido de Lisboa para Madrid, muito bem acondicionadas para não se estragarem pelo caminho, grandes carreagaes d'esta phrase destinada a fazer sensação na patria do Cid — «A patria de Camões sauda a patria de Calderon!»

— Enquanto muita gente fazia as malas e partia para Madrid, partia para o outro mundo, da *gare* do Hospital de S. José, um homem de muito talento, que morreu quasi desconhecido, que se mostrou pouco em vida e que desapareceu na cova sem enterros estrondosos e sem artigos extensos de bello estylo sentimental.

Chamava-se João Rodrigues Cordeiro, esse homem que teve sempre pelas vaidades do mundo um desprezo que chegou a ser desleixo.

Sendo um dos musicos mais notaveis de Lisboa, tendo uma educação musical completissima, sabendo como poucos sabem contraponto e harmonia, esse homem passou sem deixar rasto de si, tocando nas orquestras obscuras, fugindo do *reclame* e da nomeada até ao logar de timbaleiro do *theatro da Trindade*. Rodrigues Cordeiro, segundo nos conta

um seu amigo intimo, nasceu no Brazil, de paes portuguezes, no tempo da emigração, e teve por padrinho de baptismo o principe D. Miguel.

Quando veio para Lisboa, havia ainda conventos e estudou musica com os frades.

Vocação perfeitamente delinida, fez rapidos progressos, passou mais tarde para o conservatorio e ali teve uma medalha d'ouro, creada expressamente para elle pela rainha sr.^a D. Maria II.

Mas odiando profundamente as etiquetas, as ceremonias, enfurecendo-se quando alguém lhe dava *excellencia*, querendo por força viver á sua vontade, ao seu gosto, com os seus habitos simples de vida, elle que podia pôr-se tanto em evidencia, com a sua sciencia e o seu talento, furtou-se ás seduções da celebridade, ao brilho das grandes nomeadas, e furtou-se tão bem que teve a habilidade de ser um grande artista, de viver e « Lisboa, e de ser completamente desconhecido para muita gente.

João Rodrigues Cordeiro deixa muitas obras, a maioria de pequeno folego. Tinha sobre o publico a opinião de Lope de Vega. Gostam de banalidades, pois dêmos-lhe banalidades! e não lhe deu d'outras cousas, fugindo com terror das operas, e retirando o mais possivel das vistas do publico as suas obras serias, como por exemplo uma missa no genero allemão, toda ella em fugas, que offereceu a el-rei o sr. D. Fernando e que dizem ser uma obra prima.

Ninguem havia em Lisboa tão habil como elle para instrumentar qualquer opera, e tinha a grande sciencia da orquestração, e *maestros* de muito talento confiavam-lhe as suas obras e ouviam o seu conselho.

Uma pequena anedocta para mostrar o feiço *sans facon*, extravagante, original, de Rodrigues Cordeiro.

Uma vez teve que ir ao Paço agradecer, não sei què, a el-rei. Foi, vestiu a sua casaca, muito desgeitosamente, poz a gravata branca com muito mau humor e foi. Demorou-se lá, e quando saiu, mal se apanhou na escada... despiu a casaca, e veio no trem em mangas de camisa. Já não podia mais com a etiqueta.

— E já que estamos a fallar em musicos uma informação authentica, que no fim de tudo dá razão ao pobre Rodrigues Cordeiro.

Esteve ha poucos dias em Lisboa o distincto violoncellista o sr. Cazella filho, professor laureado do conservatorio de Marselha, e hoje um dos mais apreciados violoncellistas da Europa. O sr. Cazella deu dois concertos em D. Maria.

O producto liquido d'esses concertos, isto é perfeitamente authentico, foi... setenta réis!

— Temos ha tempo sobre a nossa banca um livro notabilissimo do sr. Oliveira Martins, *Portugal moderno*, que faz parte da *Bibliotheca das sciencias sociaes*.

Não é facil fallar d'esse livro rapidamente, nem fazer-lhe a critica n'um pequeno artigo; é um livro serio, escripto com um raro desasombro, com uma imparcialidade, que chega a fazer escandalo em Lisboa, e cheio de revelações curiosas e interessantes sobre coisas e pessoas do nosso tempo. Mas se não é facil fallar d'elle rapidamente, o livro tem uma virtude extraordinaria n'um livro de historia, é facilimo lê-lo apesar de ser historia, e lê-se rapidamente apesar de ter mil e tantas paginas.

Ao *Portugal contemporaneo* tencionamos no OCCIDENTE fazer-lhe a melhor das criticas, transcrever-lhe um capitulo; estamos para isso á espera que os factos de momento nos dêem um bocadinho de espaço. Dal-o hemos brevemente e quem o ler fará logo a sua critica, que nos parece será comprar o livro.

— Pensa-se agora muito em Lisboa na maneira de extinguir a mendicidade e a vadiagem. O sr. governador civil tem dado caça rigorosa aos pobres e aos gatunos, e sua magestade el-rei D. Luiz teve a humanitaria idéa de fundar uma sociedade de beneficencia, composta dos nossos mais ricos capitalistas para crear asylas nocturnos de protecção aos desamparados de todas as idades e sexos.

O plano d'esses asylas ainda não está de-

terminado definitivamente. Entretanto é muito bom que se pense n'isto, que se trate de imitar as nações civilisadas n'estas instituições tão necessarias.

Esperamos pela organisação definitiva d'esses asylas, para a apreciarmos segundo o nosso humilde criterio.

— Foi-se embora o sr. Olivier Métra. O sr. Métra era um compositor de talento, regia e ensaiava primorosamente as suas valsas mas... depois de se ouvir o Barbier, o Breton... Depois de se ouvir estes dois, quem se pôde ouvir é o sr. Calonne que está agora regendo os concertos da orchestra 24 de Junho no Coliseu e que é o regente dos concertos do *Chatelet* de Paris.

A orchestra 24 de Junho, sob a regencia da sua batuta faz prodigios, o que é muito bom para nós, e faz fortuna o que é muito bom para ella.

GERVASIO LOBATO.

O TRICENTENARIO DE CAMÕES EM COIMBRA

Caem em terra as velhas tradições da Universidade, umas da realidade, muitas da lenda. Os estudantes, os da tuba classica de Castilho, os trovadores de Antonio de Serpa, os lyricos de João de Deus, os revolucionarios de Anthero do Quintal e os parnasianos de João Penha já não fazem odes, nem voltas; tão pouco fazem revoluções, nem ao reitor nem aos ceus; nem se põem a burlar estrophes nas inspirações d'uma bohemia barata, na vida airada do cultivio da litteratura pela litteratura — unicamente.

Já não vão para Thomar nem para o Porto, seguindo o exemplo das univresidades allemãs do seculo XVII; deixam esses episodios para os romances do pae Dumas, porque o Samuel da imaginação d'elle é irmão do Vieira de Castro nosso; porque o typo que Dumas phantasiou, criando-o em prosa, nasceu cá de verdade, de carne e osso, ali para as bandas do Porto — em Fafe, julgamos.

Agora levantam tambem monumentos, e espectaculisam festas cívicas, em afirmação positiva d'uma notavel força nacional.

Além ha um cultivio litterario, sómente; aqui encontra se este, e ainda muito mais: uma comprehensão social, e para a solemnisar, que brilhantissimos talentos se manifestaram, pondo-se em evidencia!

Muitos trabalhadores intelligentissimos andavam dispersos, no isolamento do seu estudo. Homens auctorizados, dos que fazem opinião, foram vel-os, foram ouvil-os. E atiraram com os seus nomes para o publico, mostrando-os, contando maravilhas dos seus talentos; e ainda andam com elles na publicidade, para que a indifferença seja obrigada a olhal-os, e a applaudil-os.

E no entanto ha muitos annos que, por falta de iniciativas energicas, a Academia não dava signal de vida forte. Quando muito, de tempos em tempos, apparecia aqui e além uma folha litteraria, de uma vida ephemera. Os bons talentos deixavam ali um soneto, uma theoria, e desapareciam, e com elles a theoria e o soneto.

E a cornucopia dos bachareis continuava a despejar-se sobre as conservatorias e delegacias — ideaes realisados a trescentos mil réis por anno, e alguma consideração pessoal.

No anno passado ouviu-se um grito de resurreição. Alguns escriptores de Lisboa começaram a dizer ao paiz que era necessario celebrar o tricentenario de Camões, pelo menos com pompa igual á que dedalcamos aos canonisados, que já lá por fóra soffriam a concorrência dos immortaes. O grito estranho foi a começo ouvido com espantos e admirações. Tambem appareceram os risinhos muito conhecidos, ordinarios. Mas os jornalistas da

comissão não lhes deram importância, e começaram a insistir. E sabem o que é uma idéa fixa? É uma pua, que aparáfusa, diz Victor Hugo. Pois os commissionedos começaram a aparáfuser a opinião, e lá lhe metteram a idéa que elles tinham sempre fixa.

Depois tudo foi facil; e tanto, que nem a resistencia official conseguiu levantar difficuldade que valesse alguma cousa!

Os estudantes de Coimbra tambem então se reuniram, uns seis ou oito. Pediram á academia uma assembléa geral — uma cousa que ha em Coimbra originalissima — mil estudantes a discutir dez mil propostas!

Nomeou-se ali uma commissão. Esta poz-se a trabalhar, a pensar. Primeiro deliberou sómente em mandar pintar um retrato para o gabinete de leitura da Academia Dramatica. E talvez ficar-se por ali...

Foi o periodo da modestia.

Depois resolveu erguer um monumento, e lançou a primeira pedra em 10 de junho; e depois ainda proposta sobre proposta, actividade e mais actividade, sacrificio e mais sacrificio, sempre para diante, para a frente, dando um ponta pé n'uma difficuldade, e ala, a correr pela linha recta — que é a estrada do funambulo, do homem apaixonado por uma idéa, que é o caminho do crente.

E o resultado viu-se: os estudantes fizeram uma festa rival da de Lisboa, e sem pedir dinheiro aos poderes publicos; atrahiram a Coimbra 12:000 forasteiros acaados; as camaras de Lisboa e de Coimbra lançaram-lhe nas suas actas votos de applauso; el-rei camprimen-tou-os por um telegramma de distinctas attensões; o *Diario* publicou-lhes uma portaria de louvor; e o povo de Coimbra, antigo rival dos estudantes, principalmente desde o assassinato dos Lobos, que não resistiram ás balas mas que eram invenciveis a socco, enthusias-mou-se, reuniu-se em massa, subiu ao monte Aventino, e deram-se um abraço de fraternidade.

E tudo isto condão do nome de um homem; tudo obra de um enthusiasmo bom, de uma embriaguez de patriotismo nobre e elevadamente comprehendido, n'uma affirmacão notable de bom senso, sem dar importancia aos centros republicanos zangados, offendidos, melindrados, n'uma gritaria enorme de injurias, de artigos contradictorios, e de má prosa.

Mas que fizeram os estudantes?

Em primeiro lugar um passeio fluvial pelo Mondego, em romaria á Lapa dos Poetas, onde Castilho foi em peregrinação a protestar contra a impiedade de Pelletan, que asseverava que a poesia estava por pouco.

O leitor faz idéa do que foi um passeio no Mondego n'uma noite primaveral: a cidade a debruçar-se, toda cheia de luz, na sua corrente de prata. As casas com gambiarras a giro, e o céu tambem illuminado — a luar. Barcos, muitos, singrando, como se fosse em leite, docemente. Luz electrica, archotes, lanternas, balões, fogos, vivas, musicas, applausos, oitenta vozes do *Orpheon* em canções lindissimas, tudo n'uma anarchia encantadora, n'uma confusão divina. Ninguém ainda soube aproveitar melhor o Mondego. Foi o que se pôde dizer — utilizar artisticamente a natureza. Sem hyperbole, o sympathico rio estava supplicando ha mil annos aquella festa, desde que teve prompta a encantadora toilette dos seus formosissimos sinceiros.

Depois organisaram o prestito da instruccão. Da baixa ao bairro alto sobe-se em zig-zags. Pois pôde dizer-se que todas as voltas da espiral, no seu longo percurso, maior que o de Lisboa, estavam occupadas pela precissão. Além os estudantes, tristes no traje, alegres e expansivos na sua mocidade; ali os municipios, na respeitabilidade da sua tradicção; aqui as escolas de todo o paiz, n'uma grande variedade de uniformes, clamorosas, enthusias-madas, febris de fraternidade; depois a imprensa, *Pinhoiro Chagas* — um encyclopedista sem preoc-

cupações vermelhas; *Rodrigues da Costa* — um talento que *Rodrigues Sampaio* collocou ao seu lado na *Revolução de Setembro*, e *Eduardo Coelho* — um jornalista que está ao pulso do seu paiz, a fazer-lhe a historia em todos os instantes da sua existencia. Além ainda, menos que uma duzia de doutores, como um protesto. E por toda a parte, vivas que eram um reconhecimento de merito, que eram um premio ao trabalho, um dever de gratidão e um testemunho de bom senso.

Fizeram-se admirar no *sr. rau* e nos concertos: aquelle foi uma affirmacão publica do adiantamento litterario e scientifico da actual geraçáo academica, nos dominios extra-muros do ensino official; foi uma manifestacão do muito que se trabalha, e a exhibição de talentos de lei, esperanças do muito que hão de ser ámanhã; estes foram a demonstracão de que, se a Universidade não ensina as theorias da arte, se os governos ainda não puderam ou não souberam organiser o quadro das sciencias modernas, onde entra a esthetica um rapaz chamado João Arroyo, que tem 20 annos e é uma notabilidade, amando a arte porque a sabe, conseguiu, com uma varinha de condão — uma batuta, governar 100 vozes, classificá-las, discipliná-las, e criar o *Orpheon Academico*, um acontecimento: humanise-se a palavra, e diga-se — um milagre!

Esta festa dos estudantes tem muitos capitulos, e o OCCIDENTE não pôde publicar a larga historia. Apenas a chronica, em traço ao de leve.

E por isso, quasi que mencionaremos sómente: — a inauguraçáo do monumento; a distribuicão dos *Lusiadas* á infancia das escolas, edição academica; o protesto energico contra o absurdo, a monstrosidade social dos estudantes, nos delictos communs, estarem sujeitos ao fóro judicial e ao universitario — a inquisição d'um processo judicial primitivo nas suas formulas, sem nenhuma publicidade na defeza e na accusação; a federaçáo de todos os elementos estudiosos do paiz, não só em um abraço momentaneo de fraternidade sentimental, mas n'uma associaçáo da sua mocidade, n'uma solidariedade de auxilio para tudo quanto trouxer supplica de justiça.

Um *Programma*, que era uma admiracão desconfiada, foi todo posto em realidade, com assombro, n'esta terra em que abundam os meticulosos. Só não se admirou da realisacão o seu redactor, *Eduardo d'Abreu*, um typo original e respeitavel, uma individualidade que merece estudo, um rapaz que reúne á intelligencia mais viva a vontade mais de ferro, que vê e realisa, sabendo ver e realizar; um trabalhador, que vinha á rua espetar um prego, e ia para casa cultivar a sciencia, com tempo de sobra para as festas e para a medicina.

E depois as ornamentações, a exterioridade, o decorativo, a artistica distribuicão das cousas: Domingos Ramos a transformar o velho theatro, a alindá-lo com o mais apurado bom gosto; Roque de Seixas, dia e noite, e durante muitos dias e muitas noites, a idealisar e a mandar fazer, até cair fatigado mas glorioso; Luiz Serra, um artista, que para ter nome e fama só necessita mudar o domicilio de Coimbra para Lisboa; Antonio Augusto Gonçalves, o fundador da *Escola das artes livres*, a pôr distincção com o seu trabalho intelligente em toda a manifestacão academica; e por toda a parte a actividade sempre prompta, n'um auxilio efficacissimo, de Heitor Athayde, Jacintho Candido da Silva, Oliveira Martins, Agostinho Faria, Alexandre Cabral, Alvaro Bettencourt, Angelino Motta Veiga, Carlos Avila, Ferreira da Silva, Wenceslau Silva, Arthur Teixeira, Gabriel Samora, Joaquim Monsinho d'Albuquerque, Luiz Pereira da Costa, Quadros Flores, Manuel Gayo, Jorge Sobral, João Filipe Osorio, João de Mendonça, Taborda Ramos, João de Fontes, Sousa Rodrigues, Manuel Martins, Nabaes Caldeira, Pedro d'Alemquer, Rogerio de Seixas, Correia Fonseca, Antonio Centeno, Babo Tellés, Luiz de Magalhães,

Henriques da Silva, Zeferino Candido, João Torquato, Narciso d'Oliveira, S. Saraiva, João Sousa, Pedro Ferreira, Victorino Sá, João Pinto, Araujo Alvares, Lopes Vieira, Lopo de Carvalho, etc.

É uma longa lista, leitor; mas é a relação dos benemeritos rapazes que trabalharam no facto que tanto nobilita modernamente a Universidade de Coimbra.

SERGIO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O TRI-CENTENARIO DE CAMÕES EM COIMBRA

As gravuras que hoje publicamos, relativas ás festas do tri-centenario de Camões em Coimbra, são feitas sobre desenhos do sr. Antonio Ramalho, artista de que já demos conhecimento ao publico em uma das chronicas do OCCIDENTE, e de que já temos publicado varios desenhos devidos ao seu lapis.

O sr. Ramalho foi encarregado pela empresa d'este periodico, de ir expressamente a Coimbra fazer os *croquis* das festas que ali se realisaram nos dias 5 a 8 do corrente, e da maneira brilhante como o artista se des-empenhou d'esta commissão poderão os nossos leitores avaliar.

O bello artigo do sr. Sergio de Castro, a respeito do tri-centenario em Coimbra, que acima publicamos, dispensa-nos de mais descriçoes enviando para elle o leitor, porque com a sua leitura e com a vista das gravuras, poderá fazer uma perfeita idéa do que foram as brilhantes festas que a Academia levou a effeito na formosa rainha do Mondego.

O TERRAMOTO DE CHIO

Chio, a cidade mais bella da mais bella ilha do Archipelago foi, como já se sabe, no principio do mez de abril, destruida, quasi que completamente, por um dos mais temiveis terremotos de que ha memoria, uma catastrophe mil vezes mais medonha que a de Inscchia, de que ha pouco tempo demos conta aos nossos leitores.

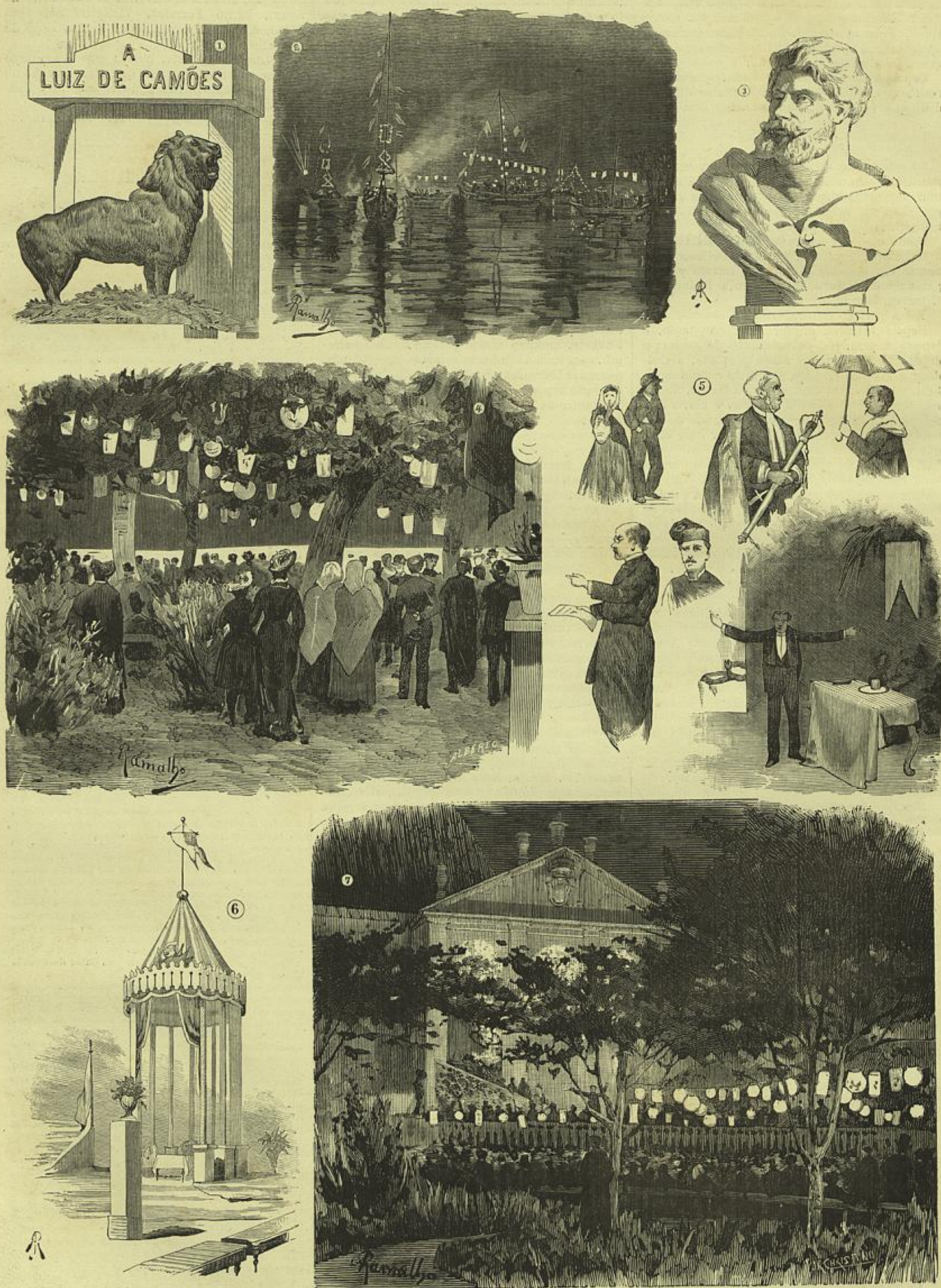
Chio distingue-se de todas as outras ilhas do Archipelago pela sua não vulgar fertilidade. O vinho de Chio, muito celebre na antiguidade, tem um grande consumo em todo o Oriente. As suas minas dão precioso marmore, os seus pomares deliciosos fructos. O clima de Chio é magnifico e muito equal em toda a ilha. A parte norte é coberta de asperos rochedos, a parte sul de pequenas collinas. A capital, em extremo pittoresca, é rodeada de uma cadeia de montanhas, cheia de jardins, e de magnificos pomares de laranjas e de limoes. A populaçáo é de cerca de sessenta mil almas.

No dia 2 de abril esta formosa cidade, a que os antigos chamavam o paraizo do Archipelago, foi victima de um cataclysmo horrivel. O dia amanheceu triste e pesado. O céu estava coberto de um nevoeiro denso, destacando-se aqui e ali enormes montanhas negras de nuvens. A temperatura era pesada e oppressiva, e o horizonte cortado a miudo por continas e brilhantes exhalacões de luz. Os habitantes, despreoccupados, viam n'esses symptomas atmosfericos os prenuncios de uma simples trovoadá, mas ás duas horas menos dez minutos da tarde, um terrivel e violentissimo alalo de terra veio chamal-os á triste realidade que os esperava. Esse primeiro choque destruiu logo dois terços das casas, sepultando nas suas ruinas mais de mil pessoas. Começou então uma phantastica scena de horror. O chão dançava loucamente, tinha as convulsões cadenciadas e violentas de um mar em furias, e transformava as ruinas em enormes massas de pedras. Os feridos gemiam gritos terriveis debaixo dos gigantescos entulhos, os mortos atape-tavam as ruas, os vivos fugiam aterrados para todos os lados sem saber como escapar ao terrivel destino que os ameaçava, e caíam, e rebolavam pelo chão, desvairados, loucos de pavor.

O rumor medonho do desabar dos edificios, e do derreer das paredes, o estrondo enorme subterraneo, os gritos dos afflictos, os gemidos dos feridos, faziam uma orchestra phantastica, de desolacão e de dor. Os sobreviventes não tinham para onde fugir. O tremor de terra atacára ao mesmo tempo as cidades, as aldeias, os montes, as planicies. As ruas estavam entulhadas pelos predios desmoranados, a cidade parecia outra e bairros inteiros desapareceram sob as ruinas. No campo a terra abria-se em largas feodas, em covas medonhas. Nos montes, massas colossaes de rochedos rolavam com estrondo sinistro, caindo pelas planicies, e abrindo nas encostas estradas tão perfeitas como se tivessem sido feitas por uma torrente de mil annos de idade. Na planicie de Vuhaky estavam acampadas, ao ar livre, mais de 40 mil pessoas, de todas as idades e sexos. Os mortos, os vivos, os enfermos tudo estava ali amalgamado. A populaçáo toda esteve sem alimentos até chegarem socorros de fora. A noite de 3 de abril foi realmente terrivel, tragica; milhares de pessoas, reunidas cheias de pavor, sem luz, sem alimentos, quasi sem esperanza, esperavam apenas a cada momento a repetição do tremor de terra. Debaixo das ruinas ouviam-se os gritos despolacadores implorando socorros que era impossivel prestar-lhes. Muita gente perdeu a falla e os casos de loucura foram numerosos. O total das victimas calcula-se em 16:000 pessoas.

As tres gravuras que publicamos a pag. 120 reproduzem varios pontos da cidade depois do cataclysmo.

O TRI-CENTENARIO DE CAMÕES EM COIMBRA



1 UM DETALHE DO MONUMENTO — 2 A NOITE DE 3 DE MAIO NO MONDEGO — 3 BUSTO DE CAMÕES, ESCULTURA DO SR. GONÇALVES
 4 BAZAR DA SOCIEDADE PHILANTROPICA, NO JARDIM BOTANICO — 5 APONTAMENTOS DURANTE A FESTA — 6 O PAVILHÃO ONDE SE ASSIGNOU O AUTO DE INAUGURAÇÃO
 7 CONCERTO NO PATEO DA UNIVERSIDADE (Desenhos do natural por Antonio Ramalho)

A QUESTÃO FRANCO-TUNISIANA

O BEY DE TUNIS

Trouxe por muitos dias sus-pensas as atenções da Europa a questão levantada entre a França e Tunis a proposito da violação do territorio algeriano pelas tribus dos kroumirs, questão que depois de ter tomado um caminho bellico que preocupou vivamente a politica europea, acabou imprevistamente por um tratado de paz, que torna Tunis, por assim dizer, um submisso suzerano da França, uma especie de guarda barreira da Algeria.

Acabou é um verbo mal achado, porque esse tratado de paz fez profunda e desagradavel impressão na Italia e na Turquia, ambas mais ou menos affectadas por elle nos seus interesses, nas suas ambições e na sua dignidade, e se da Turquia não ha logicamente nada a esperar, visto que as suas, até certo ponto justas reclamações, não achem o menor echo nas côrtes poderosas europeas, não é facil de prever tão absolutamente o que resultará da crise politica da Italia onde a questão de Tunis agitou profundamente os animos, e onde o tratado de paz assignado pelo bey Mohammed-Es-Sadok causou geral indignação.

Historiemos rapidamente os factos, tanto quanto o permittem as condições da nossa folha.

Antes, duas palavras acerca da Tunisia.

A Tunisia é um prolongamento da Algeria. As suas montanhas continuam o Altas algeriano, e os seus platós os platós de Constantina. É atravessada por um rio, o Medjerda, que sae de Constantina e vae lançar-se no golpho de Tunis. O valle é muito fertil, e Tunis foi no tempo do imperio romano o celeiro da Italia. A região do este descendo para os golphos de Hammamet e de Gabés, é esteril e queimada por um sol ardente; a região de oeste é montanhosa, e inexpugnável em muitos pontos pouco conhecidos pelos europeus, e habitada por tribus selvagens excessivamente bellicasas, que se dividem em tres grupos distinctos os Mogods, os Nessas e os Kroumirs, o mais numero e terrivel de todos.

Os kroumirs, a tribu cujas aggressões serviram de pretexto á expedição franceza a Tunis são de raça e de lingua *berberes*. Não tem historia escripta como não a tem as outras agglomerações arabes, e tem vivido sempre e vivem ainda e viverão por muito tempo, independentes nas suas montanhas onde as tropas do bey nunca se atreveram sequer a ir incommodal-os. Os kroumirs não reconhecem senão um senhor absoluto, o seu *sheich*, vivem em tendas, são muito pobres, e vestem apenas uma especie de capa, que lhes serve de calças, de casaco, e de chapéo ao mesmo tempo.

Ora foram estes kroumirs que ultimamente fizeram as excursões á fronteira algeriana matando bastantes soldados francezes. O consul de França em Tunis, protestou immediatamente, e o governo francez pediu e obteve logo da camara um credito extraordinario para uma forte expedição a Tunis afim de fazer respeitar a bandeira franceza. A Europa apreciou de varios modos esta expedição guerreira, a opinião publica em Inglaterra e na Italia foi-lhe logo desfavoravel vendo n'essa expedição contra os kroumirs um desejo de conquista e de alargamento do territorio algeriano.

O bey de Tunis ao saber que a França pensava em entrar no seu territorio com o pretexto de castigar os kroumirs, protestou — disse-se que instigado pela Italia — contra essa intervenção directa da França, ante todas as potencias europeas, n'uma reunião dos consules de todas as nações, em casa do consul francez Roustan, por ser o decano dos consules residentes em Tunis, appellando para a integridade do territorio turco de quem é suzerano, e afirmando ter só por si força para pôr cobro ás demasias das tribus selvagens. E n'este sentido chegou a mandar umas forças commandadas por



MOAMMED-ES-SADOK, BEY DE TUNIS

(Segundo uma photographia de Carrigues de Tunis)

seu irmão e herdeiro Alibey, a Souk-el-Aiba para atacar os kroumirs.

A França não fez caso do protesto nem das medidas tomadas pelo bey, e mandou immediatamente para a Al-

geria sete transportes de guerra bem equipados, com numerosas forças — vinte mil homens — sob o commando geral do general Forgemol de Bostquenard.

As operações começaram, nem sempre muito favoráveis e facéis aos francezes, que encontraram em alguns pontos embaraços serios. Não seguiremos essas operações que nos tomariam muito espaço e que nenhuma importancia tem hoje que o resultado d'ellas é conhecido.

Quando se imaginava que a guerra ia entrar no seu periodo serio e grave, quando as forças francezas se aproximavam da residencia do bey de Tunis até então perfeitamente intratavel e oppondo uma forte resistencia aos desejos do governo francez, as cousas mudaram completamente, e no momento em que na Europa se pensava que se feria o primeiro combate importante, assignava-se em Tunis o tratado de paz.

O apparato bellico da França aterrorizou completamente Mohammed-Es-Sadok, e os seus ministros. Apenas soube que o inimigo estava proximo, o presidente do conselho, o general Mustaphá, que é o conselheiro favorito do bey, o seu braço direito, o verdadeiro governador de Tunis, cheio de medo tratou de encaixotar todas as joias, ao passo que Mohammed, por seu conselho e pelo terror que é tambem um conselheiro muito ouvido, mudava repentinamente a sua energia indomavel pela submissão quasi servil, propondo a paz ao general Brécard, e aceitando do delegado francez as mais humilhantes condições.

A expedição franceza deu portanto, quando menos se esperava, o mais completo resultado para a politica franceza. O bey de Tunis, suzerano da sublime Porta passou a ser suzerano da Republica da França, com tanta mais facilidade quanto a França nunca reconhecera a suzerania de Tunis ao imperio Ottomano, e a Tunisia passou a ser de facto uma provincia franceza de que Mohammed-Es-Sadok é um submisso governador.

Um tratado n'estas condições devia fatalmente produzir grande sensação na Italia, Cairoli ao ter conhecimento d'elle pediu a convocação immediata d'uma conferencia para a revisão d'esse tratado; mas sabendo que Bismarck se oppunha a essa convocação

AFRICA PORTUGUEZA



QUILIMANE — RUA DA SAUDADE (Segundo uma photographia. — Vid. artigo A villa de Quilimane, pag. 116)

ção, e que as outras potencias europeas seguiriam a Alemanha, dimittiu-se sendo portanto ainda desconhecida a posição que a Italia tomará em frente da solução da questão franco tunisiana.

Esboçemos agora a biographia do bey Mahommed-Es-Sadok de quem damos o retrato em gravura.

Mahommed-Es-Sadok, actual bey de Tunis fillo do bey Sini-Ahsin nasceu em 12 redjel de 1229 da Hegira (1813 era de Christo): tem pois hoje 68 annos. A dynastia hussenista, a que pertence, reina na Tunisia ha 76 annos, desde 1805. Succeden a seu irmão Mahommed em 24 de sfar de 1276 (21 de setembro de 1858) e o seu reinado é já um dos mais duradouros da regencia de Tunis.

Quando foi elevado a bey, Mohammed-Es-Sadok era *bey do campo*, lugar que tinha por attribuição especial percorrer toda a regencia duas vezes por anno, cobrando de tribu em tribu os impostos, e que foi extinto em 1869 sendo substituido pela commissão financeira.

Mohammed-Es-Sadok, gosava d'uma grande reputação de energia e tem-n'a sustentado no seu já longo reinado até um ponto que chega a crueldade. N'estes ultimos annos porém o verdadeiro bey de Tunis é e tem sido o primeiro ministro o general Mustaphá, fillo d'um turco, homem de 50 annos que soube logo que entrou ao serviço do bey em 1858 dominal-o completamente e que entrando então como official das suas guardas se elevou rapidamente a general de divisão e a presidente do conselho de ministros.

Mohammed-Es-Sadok succedeu em 20 de setembro a seu irmão mais velho Mohammed Bey, como por sua morte lhe hade succeder seu irmão mais novo Sidi Ali, visto que a lei da successão em Tunis é a mesma da Turquia.

R.

DUQUE D'AVILA E DE BOLAMA

III

Terminada a lucta, que durante seis annos ensanguentára o paiz, achou-se este no goso dos seus direitos politicos, tão duramente conquistados, e preparou-se para os exercer na sua plenitude.

Estavam acabados os privilegios, extinetas as ordens religiosas, faltava inaugurar a mais augusta das instituições liberaes, a representação nacional.

Em 1821 dera o paiz um exemplo da maior sensatez e cordura, elegendo para o representar em côrtes os homens mais honestos e intelligentes, embora nem todos fossem constitucionaes convictos.

Em 1834, a primeira camara eleita depois da lucta, também contou no seu seio as maiores illustrações liberaes.

O districto occidental dos Açores deu um exemplo de gratidão e de consideração pelo seu talentoso patricio, elegendo Antonio José d'Avila, deputado por aquelle circulo.

Desde que se apresentou na camara e teve occasião de manifestar os grandes dotes da sua intelligencia, desde esse momento se previu que o seu destino politico estava traçado.

Effectivamente Antonio José d'Avila mostrou que possuia conhecimentos avultados de finanças e que a sua eloquencia, não era da que se remonta pelas imagens, mas da que discorre placida e claramente por uma deducção logica de bem conduzidos raciocinios.

Antonio José d'Avila, caracter moderado, serio e economico, não interveio na lucta dos partidos que se desencadeou sobre o paiz e que pouco depois dividiu a familia liberal em dois campos.

E-sas luctas deram a queda da Carta e a produção de uma nova Constituição, a de 1838, que effectivamente supprinia algumas disposições da Constituição de 1826, sem comtudo se aventurar a maiores larguezas liberaes, como o fizera a Constituição de 1820 (aliás de 1822).

Comtudo estas composições mais ou menos sinceras, sempre deixam um fermento de indisposição, que vai gerando uma reacção mais ou menos lenta, que um dia acaba por estalar.

No entanto Antonio José d'Avila, aos trinta e quatro annos de idade fora chamado aos conselhos da corôa, como ministro da fazenda. Esse homem moço, modesto, de traje e trato simples attrahia então todas attentões. Não obstante os grandes problemas governativos que tinha a resolver, a sua actividade era infatigavel. Via-se de quando em quando atravessar as arcadas do Terreiro do Paço, embu-

çado na sua capa, para ir, ora conferenciar com um ministro, ora examinar as contas de uma repartição, ora colher por si mesmo as informações de que precisava.

Quem escreve estas linhas, era muito pequeno, e acompanhava um dia sua mãe, pobre viuva, que tinha uma pretensão dependente do ministerio da fazenda. Não pudera ella falar ao ministro, alguém lhe aconselhou que o esperasse, e como o não conhecia, um individuo officioso disse-lhe quando elle passava — *é esse*. Apezar da pressa com que ia, a pobre viuva aproximou-se-lhe, fallou-lhe, disse-lhe quem era, e as difficuldades da sua pretensão; o ministro depois de a ouvir respondeu-lhe que não podia ainda ir á repartição, mas abrindo a carteira, escreveu algumas linhas a lapis n'uma folha, que arrancou, e lhe entregou dizendo-lhe que procurasse um certo empregado. Effectivamente as letras do ministro resolveram logo a questão.

Mas isto era em 1841.

Este seu ministerio foi assignalado pela apresentação da lei da decima, ponto e capitalisação da divida publica, que levantaram grande discussão, mas cujo relatório ainda hoje merece ser lido.

Foi na sua discussão que teve um duello de tribuna com Almeida Garrett, que na sessão de 15 de julho pronunciou o monumental discurso que tanto offendeu o melindre de Antonio José d'Avila. Mas Garrett era um gigante e o ministro havia classificado, como uma offensa constitucional o discurso anterior de Garrett.

N'esta sessão e discussão encontrou Antonio José d'Avila na sua frente também o grande orador José Estevam, cujo enorme talento, espirito fino e repentista tanto atormentavam o illustre estadista, bastante nervoso e excitavel, e que então ainda não tinha adquirido a placidez que ultimamente o distinguia.

Ainda outros contendores combateram as medidas apresentadas por Antonio José d'Avila, mas apesar dos seus dotes notaveis não conseguiram invalidar as opiniões do ministro, que insistiu, luctou, e conservou sempre a convicção de que as suas opiniões eram sensatas.

Os contendores fizeram, no decurso do tempo, justiça ao saber e intenções do illustre aqoriano.

O ministerio de Antonio José d'Avila foi curto, pois acabou em 1842.

Todas as modernas conquistas financeiras foram sempre previstas, enunciadas, pedidas e sollicitadas com instancia por Antonio José d'Avila. E tal foi a sua insistencia por uma das maiores necessidades da fazenda, a organização do Cadastro, que o espirito sempre mordente do publico, contra os que aventam uma idéa, embora util, mas que não agrada, o apodou logo com a alcunha de *Cadastre*.

E ainda hoje não temos cadastro! Antonio José d'Avila nunca pode conseguir o seu desejo, e o paiz ainda não pode organizar as suas finanças, senão com medidas de expediente.

IV

Sahindo do ministerio, Antonio José d'Avila só voltou a elle em 1849.

Durante este periodo, como durante o anterior fora sempre eleito deputado ás diversas legislaturas, e parece-nos que é Antonio José d'Avila um dos raros homens, no nosso paiz, que desde a abertura das camaras legislativas, em 1834, tenha estado sempre no parlamento até á sua morte.

Por isso nenhuma das grandes medidas que desde então até hoje tem sido adoptadas para a reorganisação da sociedade portugueza, tem deixado de receber o concurso da sua clara intelligencia, quer como parlamentar discutindo-a, quer como ministro propondo-a.

Não tendo meios de fortuna sufficientes para entrar na vida publica com o desembaraço e pujança com que o fazem aquelles, que tem largueza de bens patrimoniaes, Antonio José d'Avila teve de se valer de uma severa eco-

nomia e regulamento de vida, para conservar no meio dos azares da politica, capciosa e tentadora, a independencia de um caracter probo, que nem sempre alguns d'aquelles tem sabido guardar.

Antonio José d'Avila entrara no ministerio com homens decididamente liberaes, mas perentendo pela tendencia do seu espirito a uma iniciativa moderada. Um d'elles, Joaquim Antonio d'Aguiar, tinha, durante o periodo de lucta, publicado medidas energicas e de grande alcance politico, mas parecia-lhe que na occasião presente, cessado o interim revolucionario, devia correr a organisação do paiz sem violencias repressivas, nem demasias demagogicas.

Pela queda d'este gabinete um dos seus membros tomou em breve as redesas do governo, e com tal energia e violencia as susteve que foram necessarias duas revoluções para lhas arrancar das mãos, que não voltaram a empuhal-as.

N'este intervalo, Antonio José d'Avila exerceu varias commissões de serviço, entre ellas notaremos os cargos de governador civil dos districtos de Evora e do Porto.

Em ambas o seu espirito lucido, e o seu genio conciliador e justiceiro, soube deixar assignalada a sua passagem por medidas importantes.

Considerando que fora no Porto, onde as hostes liberaes saídas da sua patria, os Açores, acharam o reparo e antemural que as fez vingar dos desesperados esforços das forças reaccionarias, lembrou-se de consagrar por um monumento o ponto arenoso da costa, onde as proas constitucionaes abicaram, na sua arrojada empresa de desembarque. Assim conseguiu fazer levantar na praia de Arnosa do Pampellido (que por erro se disse Mindello) uma pyramide singela, que attestará ás gerações futuras os esforços homericos de seus antepassados, um pouco desdenhados por quem os não sabe comprehender, nem avaliar.

(Continua)

BRITO REBELLO.

CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Depois fez notar uma peça da colleção do sr. Carlos Ribeiro, em que já havia reparado na exposição anthropologica de Paris, e que até tinha feito moldar, porque tem dois bolbos de percussão, um terceiro dudoso, e uma forma ponteguda que parece propriamente intencional. Ora esta peça, que foi lavada, apresenta não uma coloração superficial, que a lavagem não faria desaparecer, mas laminas de grés inteiramente adherentes. E não lhe parece haver chimico que o fizesse convencer, de que taes depositos possam formar-se em um silex que jazesse, fosse que tempo fosse, á superficie de um grés silicioso.

Bastava-lhe esta unica peça depois que examinou as localidades; mas ha outras muitas, mais bem trabalhadas, e acredita que a maior parte, colhidas á superficie de um terreno, falto de terra aravel e de qualquer vestigio de outro deposito, foram realmente extrahidas do deposito terciario pela erosão.

Confessava que se poderia julgar a questão dudosa enquanto não tivesse a adhesão de um Evans, porque os silexinhos miocenes são um tanto incommodantes, mas como o proprio sr. Evans reconheceu, que talvez alguns, com um ou mais bolbos de percussão, provenham das camadas subjacentes, julga a questão perfeitamente terminada.

O sr. Bellucci, apresenta o bolbo de percussão do silex que encontrou, refere a difficuldade que teve em extrahil-o, para o que não lhe bastou o instrumento de pau de que ia munido, sendo necessario soccorrer-se a um de ferro do sr. Cartailhac. Mostra que se fez a extracção com todas as cautellas e precauções recomendadas pelo congresso, e na presença de alguns membros da commissão.

Que a peça é muito imperfeita, mas na realidade seria caso de espanto encontrar na epoca mioceno um bolbo perfeito.

Que para elle o ponto está decidido. Não sabe porque se ha de acreditar nos silex da epoca quaternaria, e não nos da epoca terciaria.

Que a questão do homem terciario tem atravessado as mesmas phases que a do homem quaternario, encontrando se sempre a mesma opposição systematica.

O sr. Cotteau disse que o jazigo era innegavelmente terciario, graças aos trabalhos dos srs. Carlos Ribeiro, Cheffat e Delgado; que entre os silex examinados ha muitos que apresentam indubitavelmente vestigios de

trabalho intencional, quanto porém á idade d'elles conserva ainda algumas duvidas. Não lhe parece estar evidentemente provado que pertençam á camada terciária, e no estado actual das observações está disposto a considerá-las antes como quaternárias.

Trata-se de um terreno de saibro e *pudding*, que sofre o sofre ainda diversas alterações provenientes dos agentes atmosphéricos, e que, entre tantas desnuadações, é fácil acreditar que os silix se tenham depositado nas fendas das camadas, em épocas muito posteriores.

Nada se oppõe effectivamente á existência do homem terciário; e reconhecendo que a opinião dos sr. Ribeiro, Mortillet, Capellini e de tantas outras pessoas é immensamente respeitável e será talvez amanhã a verdadeira, como geologo porém desejava provas mais precisas.

O sr. Virchow, que presidia á sessão, tomando a palavra disse que não sendo geologo, se referia aos especialistas quanto á idade do jazigo. O que fazia era apresentar em toda a sua luz a questão principal, o que lhe parece ninguém ter ainda feito. Disse que havia annos que fazia a si mesmo esta pergunta: poder-se ha reconhecer pela fórma d'uma lasca de silix se a operação que a produziu foi intencional?

Effectivamente operam-se percussões naturalmente, tões como n'uma corrente d'agua, n'um declive, faltando portanto o *bolbo de percussão*. Achava muito bom o termo *conchoide* proposto pelo sr. Mortillet, por isso que cada substancia que lasca apresenta conchoides. O silix, o vidro, a obsidiana, e chalcodonia estão n'este caso e todas tem sido utilizadas para o mesmo fim. Nas ilhas de Andaman e Terra de Fogo apparecem pontas de flechas de vidro de gurafo.

Sabe-se a fractura conchoide que estes corpos apresentam, pôde até ter sido determinada pela simples acção do calor solar, sem que houvessem recebido a minima impressão violenta. Como se pôde pois reconhecer se o conchoide é ou não resultado de uma acção molecular ou de um choque violento?

Ha no terreno d'Otta grandes liecheiros angulosos de silix, havendo elle extrahido um que era em parte achatado rodado pela agua. Viu isto toda a gente, como se pôde pois julgar que as peças, que se pretendem talladas pelo homem, que residia longe d'esse sitio, não tenham sido rodadas? Dir-se-ha que as mais decisivas são as mais vivas, elle preferiria, para as julgar taes que tivessem antes as arestas esburcinadas.

Julga que as amostras examinadas provém da mesma camada; o homem porém não vivia no lago, mas sim longe, donde ellas não podem vir, por tanto não foi elle que as tallou; fracturaram-se ellas, e não foi o homem, mas a agua que produziu as lascas.

A sua opinião é que esta questão pôde ainda dar margem á discussão de muitos congressos, e prometteu submeter ao primeiro que houver, uma serie de amostras de silix nas condições marcadas, recolhidas em circumstancias taes, que a acção do homem não possa ter influído n'ellas.

Tal é, segundo elle, o estado das cousas. Nos *kjenmoeddling* de Mogen, recollera uma peça de silix, sem quasi nenhum dos caracteres, que se dizem decisivos, e ninguem duvidou da acção humana n'esse silix.

Por enquanto estão todos em desacordo. Debalde se procuram de toda a parte, e com a maior sagacidade, provas definitivas, mas nenhuma peça tem deixado o espirito satisfeito. Fica porém persuadido de que continuando a trabalhar-se por toda a parte com equal fervor e dedicação, poderão apresentar-se documentos em um futuro congresso, á vista dos quaes elle possa melhor julgar.

Quanto a elle não nutre nenhuma hostilidade contra o homem terciário, antes acredita na sua existencia, mas por outras razões, e por isso a peça do *batonotus* apresentada pelo sr. Capellini lhe produziu, sobre este assumpto, uma boa impressão.

Em seguida fallando o sr. Delgado declarou, que nem preparara a exploração, nem tío pouco se julga competente debaixo do ponto de vista archeologico. Fallaria tão somente como geologo e para responder ao sr. Evans. Affirmou que na região dos silix ha apenas *uma* formação geologica, sendo os silix encontrados á superficie todos resultado e restos da desnudação. A fórma horizontal do plan'alto depende da horizontalidade das camadas. Quanto ao que o sr. Villanova havia dito de lhe ter parecido o terreno quaternario, tinha a dizer que todo o quaternario de Portugal, não tem relação nenhuma com o terreno d'Otta.

(Continúa.)

R.

MIGUEL ANGELO DE SANTO THYRSO

(Concluzão)

Na manhã seguinte, o abbafe foi passar pelo atalho. Olhou para todos os lados, que ninguém o observasse, e deteve-se um instante a examinar o painel. Era realmente o retrato d'elle! O padre Matheus sentiu um calefrio ao vêr-se ali estampado, lambido pelas labaredas rubras do purgatorio, em companhia de outros peccadores. Das mãos do Padre Eterno, suspenso entre nuvens, em cima, descia um fecho de raios sobre a cabeça do padre.

Retirou-se o abbafe, jurando por entre dentes cerrados de colera:

— Ora deixa, ladrão, que eu te arranjarei a vida!

Entrou estonteado em casa do Seabra, e perguntou-lhe quem tinha sido o pintor das alminhas. O brasileiro respondeu serenamente que lhe não sabia o nome; mas que era um rapaz que partia breve para Pernambuco.

— É o mesmo! — rosnou o abbafe furioso — Eu logo vi!

— Mas que ha, sr. abbafe?

O padre Matheus, de cada vez mais pallido, mais agitado, respondeu alto, a tremer:

— O que ha, sr. Seabra? Ha isto: E' que esse malandro foi pintar-me no purgatorio das almas. Toda a freguezia o sabe; e vae por ali uma chacota, que é uma pouca vergonha.

O brasileiro, contendo a custo o riso diante de tanta colera, exclamou:

— Que me está dizendo, sr. abbafe? Pois o diabo do moço.

— Foi elle, foi. E meneando a cabeça, continuou: — E eu sei o motivo; mas, coitado! — disse o padre com um sorriso de sarcasmo — devia pôr-me ao lado da irmã! Ladrão!

— Não percebo, sr. padre Matheus, não sei nada. Acredite que não sei nada.

— Sabe-o elle. E' o filho da Anna do Bacello, que ali chegou do Brazil ha dias. Eu conheço-o, e digo-lhe, sr. Seabra, que é um maroto refinado!

O brasileiro estava espantado do que ouvia. Passado um momento, querendo attenuar a indignação do abbafe, disse-lhe:

— De formas quê, o demonio do rapaz pintou o sr. abbafe em as penas do purgatorio! Ora, que chalaça, ein?

— Chalaça?! — exclamou o abbafe — Pois ha de sair-lhe cara a chalaça, como v. s.^a lhe chama.

— Não é por offender — disse o brasileiro — mas é que me faz lembrar uma historia assim parecida, que me contaram em Roma. Nunca foi em Roma, sr. abbafe?

— Não, senhor, não fui a Roma — respondeu seccamente o padre.

— Pois eu me recordo de vêr lá, n'uma capella de muita nomeada, não sei agora que capella vem a ser, uma coisa assim equal.

E o brasileiro, batendo na testa, recordou-se: — Era Seabra, era... ah! era Miguel Angelo, que era tambem um pintor, e teve lá as suas questões com um figurão, e pespegou com elle no purgatorio. E' a mesma historia, tal e qual; e eu hei de vêr logo no *Guiz*; mas me quer parecer que era na capella sixtina, ein?

— Pois, sim, sim — murmurou o abbafe.

— E não vale agonisar-se, sr. abbafe — disse o brasileiro, batendo-lhe no hombro — que isto de pintores é tudo uma bandalhêra! Ora, ora, são todos uns bêstalhês!

Ouvido isto, o abbafe despediu-se do brasileiro. O Seabra acompanhou-o ceremoniosamente até á porta. Pelo caminho ia-lhe dizendo:

— Com que então, disse-me o sr. abbafe, que o pintor devia ter posto tambem a irmã?! Porém, eu não percebo.

— Devia — respondeu seccamente o padre, seguindo ao lado, cabisbaixo — Devia, sim senhor.

— E' porque — proseguiu confidencialmente o brasileiro, retardando o passo — já me tinha chegado aos ouvidos que a moça e tal *et caetera*; percebe-me? E eu, que sei que o homem é fraco, disse comigo, aqui para nós: ai! o velhaco do abbafe, que conseguiu!

O padre Matheus estacou de subito, e olhou a fito o brasileiro. Mas o Seabra, sem fazer reparo, continuou a sorrir, batendo-lhe familiarmente nas costas:

— E digo-lhe mais; se aquillo havia de ir parar ás mãos de qualquer d'estes brutos, fez v. s.^a muito bem em lhe deitar a unha! E dou-lhe os parabens; porque a moça é a melhoria da terra. Não offerece duvida: é obra acabada! é catita!

E arrastando a phrase:

— Eu já tinha notado que ella ia muito pela igreja; e, como o outro que diz, o fogo ao pé da estopa... *et caetera* e tal!

Á porta da quinta, o abbafe, confundido, humilhado pela confidencia, estendeu silencio-

samente a mão ao Seabra; mas este, retendo-o ainda um instante, aconselhou-o amigavelmente, fallando-lhe ao ouvido:

— E deixe lá v. s.^a berrar o pintor. E' um asno. Elle que mais quer para a irmã? V. s.^a mantem-n'a, v. s.^a mantem-lhe a mãe, v. s.^a assegura-lhe a velhice... Que mais quer o trollha?

O padre Matheus encolheu humildemente os hombros, e safou-se.

O Seabra deixou-se ficar á porta; e, ao vêr o abbafe, que seguia direito, aprumado, de hombros largos, pelo meio do atalho, observou com um sorrisinho, meneando a cabeça:

— Tenho-te inveja, maroto! Abichaste um fazendão!

O padre Matheus foi para casa consultar varios livros de direito ecclesiastico. Folheava um, folheava outro, e depois de concentrada leitura, exclamava:

— Diabo! Não ha meio de o arrazar.

Todos lhe ensinavam que era indispensavel fazer uma accusação ao Prelado; mas isso era dar causa a commentarios, a duvidas, a averiguações minuciosas, com as quaes o abbafe tinha tudo a perder. Este terrivel seculo de civilização manietava-o!

Quando lhe faltou de todo a esperanza, deixou-se cahir prostrado na cadeira, atirou com os livros para o lado, e ficou a meditar algum tempo, com os cotovellos fincados na meza e a cabeça entre os punhos. Ergueu-se de repente, e disse:

— Dê lá por onde der, ha-de ser amanhã.

O dia seguinte era um domingo. O abbafe tinha de dizer a missa conventual.

Ao sahir da sacristia para o altar-mór, ia muito pallido, com o calix a tremer-lhe nas mãos.

Subiu os trez degraus do altar lentamente, ajoelhou-se, e principiou a missa.

A igreja estava cheia até á porta.

Maria da Piedade e a mãe, que costumavam ajoelhar-se junto da tã, tinham faltado.

Na occasião do *Lavabo* o sacerdote voltou-se para os assistentes, e disse pausadamente, com uma voz tremula:

— «Declaro Antonio do Bacello, chegado ha pouco do Brazil, excommungado e separado da communhão ecclesiastica, fulminando-o com os effeitos terríveis d'esta grande penalidade».

Engoliu em secco, e proseguiu com rancor:

— «E admoesto os freguezes de que ficam incursos *ipso facto* na mesma pena, se privarem com o delinquente!».

Disse; e voltou-se para o altar muito serenamente a continuar a missa.

Não se calcula o pasmo de toda aquella gente!

No fim saíram todos pouco a pouco para o adro, silenciosos, muitos tristes, como gente que vem de assistir a uma catastrophe medonha!

No dia seguinte, eram quatro horas da manhã, quando Antonio do Bacello, o excommungado, sahiu da casa do Thomé.

Para o nascente, sobre a cumiada do monte, alvorecia lentamente a manhã. O céu no zenith, tinha uma côr desmaiada, livida, como um esbatido do azul carregado do poente. Iam esmorecendo uma por uma as estrellas; e d'entre a folhagem densa de uma oliveira, o cantar alegre de um rouxinol trinava no espaço silencioso e calmo.

O pintor não tinha dormido toda a noite. Deitara-se a instancias do amigo; mas foi-lhe impossivel descansar. Esteve sempre inquieto, revolvendo-se na cama, febril, agitado, rangendo os dentes; e, de quando em quando, abafava na dobra do lençol os soluços, que o estrangulavam.

Logo que vio repontar os primeiros alvares do dia, saltou abaixo do leito, vestiu-se á pressa e sahiu de casa.

Foi postar-se no cunhal do muro do quintal da mãe, resguardando-se com uma sebe. Esteve ali alguns minutos, á espreita, até que

sentiu abrir-se vagarosamente a cancella da eira e sahir, aos pulos, um perdigueiro malhado.

Logo em seguida appareceu o abbade, muito abafado n'um cachenez de lã, a bocejar, com uma espingarda ao hombro.

Ao passar rente da sebe, Antonio do Bacello saltou-lhe á frente, com um marmeiro erguido nas mãos.

— Excommungado porquê, seu devasso! — perguntou elle ao abbade, que recuou dois passos.

O padre Matheus ficou ali espetado, sem fazer um gesto, a olhar fito a fito o aggressor.

Antonio do Bacello, vendo-o immovel, continuou:

— D'onde sae a estas horas? Vens de casa da amiga, ladrão?

E, dizendo isto, com os dentes cerrados, ergueu o pao, e descarregou subitamente uma pancada

TERRAMOTO DA ILHA DE CHIO



RUINAS DA EGREJA CATHOLICA DE S. NICOLAU

sobre o abbade. O marmeiro bateu-lhe de raspão no hombro esquerdo. O padre soltou um urro com a dôr, apontou rapido a espingarda, e descarregou-a em cheio no peito do pintor. Antonio do Bacello arrancou um grito rouco, ergueu os braços, deu uma volta estonteado, e veio cahir redondo aos pés do assassino!

Maria da Piedade; ainda com os labios humidos dos ultimos beijos da despedida, a cabeça fallecida no travesseiro, cansada do prazer da noite, os olhos meio cerrados, ao ouvir a detonação do tiro, ergueu-se de repente no leito e estremeceu toda, com um sentimento horrivel, levando instinctivamente ambas as mãos ao peito—como se a balla lhe tivesse varado o coração!

ALBERTO BRAGA.



A CIDADE DE CHIO DEPOIS DO TERRAMOTO

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

OS LUSIADAS. Edição de Emilio Biel, Porto. — Fasciculos 20, 21, 22 e 23. Esta rica edição, a mais esmerada que se tem feito da grande obra de Camões, vae seguindo regularmente a sua publicação, devendo concluir breve. Os fasciculos que temos á vista são todos acompanhados de nitidas gravuras em aço illustrativas do poema, e de um frontispicio do canto x em magnifica chromotypographia.

REVISTA DA SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO DO PORTO. — N.º 3 de 1 de março de 1881, Porto. Publica a conclusão da conferencia do sr. Theophilo Braga sobre a *Formação da Litteratura Portuguesa*, e varios outros artigos de muito interesse.

COIMBRA MEDICA. *Revista quinzenal de medicina e cirurgia*. — N.º 8 e 9, 15 de abril e 1 de maio de 1881, Coimbra. Esta publicação recommenda-se sobre tudo á classe medica, a quem muito deve interessar.

HOMENAGEM A LUIZ DE CAMÕES, *Sessão Solemne da Associação Typographica Lisbonense para Comemorar o Tricentenario de Camões*, Lisboa Imprensa Nacional 1880. — É um elegante folheto de 50 paginas de 4.º em que a Associação Typographica Lisbonense paga o seu tributo ao grande epico. Este folheto contém varios discursos e poesias proferidos na sessão solemne, e uma interessante historia da fundação do monumento a Camões em Lisboa, pelo sr. José Antonio Dias, com a gravura do referido monumento. Como se vê, este livrinho é muito recommendavel, e deve entrar em todas as collecções camoneanas. O seu custo é de 250 réis.

A FABULA DE NARCISO, por Luiz de Camões. — Imprensa Internacional 1880 Porto. É um folheto de 32 paginas que o sr. Ferreira de Brito reproduziu em edição especial.

HISTORIA DE PORTUGAL. — 6.º vol. por Pinheiro Chagas, fasciculo F, Empresa Litteraria de Lisboa. Trata da guerra da Peninsula e dos successos occorridos no Brasil durante esse periodo. A gravura relativa a este fasciculo representa a entrada do exercito francez em Portugal. Esta importante edição da Historia de Portugal está proxima da sua conclusão.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:
Pela lingua morre o peixe.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMENT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



UMA RUA DE CHIO